

4.11. Ciclo do pão - atafona

O mecanismo de moagem de uma atafona assenta na utilização da tração animal, tendo havido tendência para proliferarem, principalmente em meios mais rurais, até ao advento das moagens industrializadas. O moinho de vento, numa primeira instância, e posteriormente o uso de maquinaria mecanizada levou ao seu desaparecimento gradual, até a atafona se tornar numa realidade meramente ilustrativa e casual.

No Corvo, as atafonas, movidas por bois, foram utilizadas para moer cereais como o trigo, o centeio, a cevada e o milho, e a junça, dada a ausência de cursos d'água para moinhos de água, e o custo de construção de moinhos de vento. Cada atafona era comum a um grupo de pessoas, quase sempre vizinhos, semelhantes às “esquadras” do Dia da Lã, e a chave estava quase sempre na casa do mesmo “sócio”.¹ Só na década de 1950 é que surgiu a primeira moagem mecanizada, por iniciativa do padre Leonete Vieira do Rego².

No início da década de 1960, a ilha do Corvo dispunha de seis atafonas em funcionamento regular, distribuídas por várias áreas no interior da Vila. Os motivos que levaram à sua utilização até esses períodos recentes prenderam-se, principalmente, com a escassez de água corrente, para edificação de azenhas, com a intensidade dos ventos que nem sempre permitiam operar os moinhos de vento, bem como com a necessidade de autossustentabilidade de uma comunidade que sempre soube arranjar estratégias para combater o seu estatuto ultraperiférico.

Atualmente, Vila do Corvo conta ainda com uma estrutura de atafona, reabilitada e musealizada, por iniciativa governamental, designada “Atafona da Barroca”, sita junto ao *Centro de Interpretação de Aves Selvagens* e do *Gabinete de Apoio Técnico do Ecomuseu*.

¹ FRAGA, Lino (2017). *O Dia da Lã: histórias e vivências corvinas 1875-1975*. S.l. [Vila do Corvo], Câmara Municipal do Corvo. pp. 145.

² Op. cit. p. 150.